

A EVOLUÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DO VERDADEIRO.

RUDOLF STEINER

Terceira Conferência

Berlim, 14 de novembro de 1911

Em nossas duas últimas conferências procuramos demonstrar como por trás de todos os fenômenos físico/materiais do nosso mundo se oculta o espiritual. Sucessivamente caracterizamos o espiritual que se encontra por trás das manifestações calóricas e do ar fluente. Para descrever as condições espirituais subjacentes ao material – o que nos obrigou a remontarmos para um passado muito antigo e muito remoto de nossa evolução – tivemos que voltar nosso olhar para dentro da nossa própria vida anímica, uma vez que temos de buscar em algum lugar as representações das quais nos servimos para caracterizar algo. Palavras apenas não são suficientes. Precisamos de representações bem determinadas. Vimos que as circunstâncias espirituais às quais nos referimos encontram-se em situações distantes das que o ser humano experimenta na atualidade, do que este pode saber hoje em dia. Tivemos que recorrer a estados muito singulares, a condições absolutamente comuns dentro da nossa própria vida anímica e dentro da nossa própria vida espiritual. Assim, descobrimos a essência mais

profunda das manifestações calóricas e ígneas muito distante das manifestações físicas de fogo e calor. Sem dúvida alguma ao homem do presente não pode senão lhe parecer grotesco que, como essência de todos os fenômenos calóricos e ígneos do mundo, se tenha reconhecido o sacrifício de entidades bem definidas que encontramos em um determinado estado de sua evolução durante a antiga incorporação saturnal da Terra, o sacrifício que os Tronos, que desde aquela época, ofertam aos Querubins. Dizemos que semelhante sacrifício, à partir do qual a evolução universal tomou seu ponto de partida, existe na realidade, em tudo que se nos apresenta como "*Maya*" ou ilusão nas manifestações exteriores de calor e fogo.

Da mesma maneira, reconhecemos na palestra passada que também por trás do chamado ar fluente ou gases fluentes há algo que vem de épocas muito distantes. É o que denominamos "virtude doadora", o ato de derramar, abnegadamente, o próprio ser realizado por certas entidades espirituais. Isso está em cada sopro de vento e em todo o ar fluente. Realmente a percepção física exterior não é nada mais que uma ilusão, é "*Maya*". Obtemos a representação correta somente quando avançamos à partir da ilusão até o espiritual. Assim como no verdadeiro mundo não existe nem fogo, nem calor, nem ar, o homem tampouco está na imagem refletida pelo espelho. Do mesmo modo, em relação ao ser humano, uma imagem no espelho não deixa de ser uma ilusão. Assim também, o fogo, o calor e o ar são ilusões e as verdades por trás desses elementos guardam a mesma proporção com a realidade, que o

homem verdadeiro, guarda com a sua imagem num espelho. No mundo do verdadeiro não temos que buscar nem fogo, nem ar, mas sim sacrifício e virtude doadora.

Quando ao sacrifício uniu-se a virtude doadora, ascendemos da antiga vida saturnal à antiga vida solar. Dentro dessa, quer dizer, dentro da segunda incorporação cósmica de nossa Terra, encontramos algo que nos aproximará mais um passo das verdadeiras circunstâncias de nossa evolução. Hoje, temos que introduzir novamente um conceito que pertence ao mundo do verdadeiro frente ao mundo da ilusão, quer dizer, antes de passar às condições propriamente ditas da evolução, elaboraremos um conceito determinado para o qual partiremos do seguinte:

Cada ato que um ser humano executa na vida exterior se baseia, em regra geral, no impulso de sua vontade. Faça o que fizer, desde um simples movimento de mão até a ação mais grandiosa, em tudo, subjaz um impulso volitivo do qual parte a atividade que leva a um ato, a uma realização do homem. Inicialmente este dirá: a uma ação forte e vigorosa, destinada a trazer muito bem e muita bênção, corresponde um impulso volitivo forte e a um ato menos significativo, um impulso volitivo débil. Geralmente, o ser humano se inclinará a supor que a magnitude da ação depende da força do impulso da vontade. Mas, somente até certo ponto é correto que conseguiremos grandes coisas no mundo quando fortalecermos nossa vontade. À partir de um determinado ponto, deixa de ser assim. Por mais estranho que pareça, certos atos que o ser humano realiza, atos que se referem sobretudo ao mundo espiri-

tual, não dependem do fortalecimento dos nossos impulsos volitivos. Sem dúvida, no mundo físico em que vivemos de imediato, a magnitude da ação dependerá da magnitude do impulso da vontade. Para conseguir mais temos que nos esforçar mais. Mas, no mundo espiritual isso não é assim. Ocorre exatamente ao contrário. Aí sucede que os maiores atos, melhor diríamos, os maiores efeitos, não requerem o fortalecimento do impulso positivo da vontade. Mas, ao contrário, uma certa resignação. Uma renúncia! Isso vale até para os menores feitos puramente espirituais. Não alcançamos um determinado efeito espiritual desenvolvendo ao máximo nossos anseios. Tampouco sendo o mais empenhado possível. Senão que, no mundo espiritual, conseguiremos certos efeitos se dominarmos nossos desejos e apetites e renunciarmos à sua satisfação.

Suponhamos que um ser humano pretenda conseguir algo no mundo mediante certos efeitos espirituais interiores. Para isso ele deve preparar-se aprendendo antes de tudo a reprimir seus desejos e seus apetites. Enquanto no mundo físico o homem se torna mais forte, por exemplo, comendo bem, alimentando-se bem – isso é somente uma descrição e não um conceito! – no mundo espiritual consegue-se, de certa forma, algo importante justamente jejuando ou fazendo outra coisa para conter e dominar os desejos e apetites. Aos maiores efeitos espirituais, digamos, aos efeitos mágicos, corresponde sempre uma preparação que está relacionada com uma renúncia aos desejos, apetites e impulsos volitivos que surgem em nós. Quanto menos "queremos", quanto mais dei-

xamos que a vida flua sem desejar isto ou aquilo e tomamos as coisas tal como o *karma* as coloca em nosso caminho – quer dizer –, quanto mais aceitamos o *karma* e seus efeitos, permanecendo tranqüilos na renúncia a tudo mais que queremos conseguir nesta vida, tanto mais nos fortaleceremos, por exemplo, em relação aos efeitos dos nossos pensamentos.

O ser humano, por exemplo um professor ou um educador muito ávido que, antes de tudo, ama comer e beber bem e que também é ansioso em outros aspectos, verá que as palavras que dirige a seus alunos carecem de efeito, entram por um ouvido e sai pelo outro. Ele atribuirá a culpa a seus alunos, mas esse não é sempre o caso. Alguém com uma concepção de vida superior, que vive com moderação e come unicamente o necessário para manter-se vivo, que procura antes de tudo, aceitar as coisas enviadas pelo destino, se dará conta, pouco a pouco, que suas palavras adquirem mais vigor. Até seu olhar poderá chegar a ter uma grande força e nem sequer lhe fará falta olhar. Basta-lhe que permaneça ao lado do aluno com um pensamento estimulante, não exteriorizado, que este se transmitirá ao aluno. Tudo isso depende do grau de renúncia e resignação frente àquilo que o homem comumente deseja.

O caminho correto para atuar no espiritual, para alcançar efeitos espirituais nos mundos superiores, é aquele que passa pela renúncia. A esse respeito existem muitos enganos. Os enganos não conduzem aos efeitos corretos justamente porque, exteriormente, são tão parecidos. Vocês conhecem o que na vida comum se de-

nomina ascetismo, mortificação de si mesmo. Em muitos casos, essa mortificação se converte diretamente em um prazer voluptuoso, ao qual, por exemplo, o indivíduo recorre por avidez de grandes sucessos ou impulsionado por outros desejos, como pela própria voluptuosidade. Sendo assim, o ascetismo carece de efeito, pois unicamente adquire significância como fenômeno concomitante de uma renúncia já enraizada no espiritual. Este é precisamente o conceito que queremos: o conceito da renúncia criadora, da resignação criadora. É extraordinariamente importante incorporar essa renúncia ou resignação criadora que pode ser vivida na alma como uma representação que não tem nada a ver com a vida cotidiana.

Dessa maneira, penetramos mais um passo na evolução da humanidade, visto que no transcurso evolutivo ocorre algo assim. Por exemplo; na transição das condições solares para as lunares, algo como um resignar-se acontece entre as entidades dos mundos superiores que sabemos unidas à futura evolução terrestre. Assim, dirigiremos novamente o nosso olhar até o Antigo Sol. Mas, não sem antes chamar a atenção sobre um fato que, se bem é conhecido, não obstante, nos pareceu enigmático em vários aspectos.

Repetidas vezes, reparamos em processos evolutivos que temos que atribuir a entidades que permaneceram atrasadas no curso da evolução. Nesse sentido, sabemos da intervenção das atividades Luciféricas na humanidade. Reiteramos que, durante a evolução terrestre, tais entidades intervieram em nosso corpo as-

tral porque não alcançaram o nível evolutivo que deveriam ter alcançado no antigo período lunar. Freqüentemente recorreremos a comparação trivial de que não somente os alunos de nossos colégios repetem o ano. Também, os seres universais na grande evolução cósmica, não passam de seu grau evolutivo e intervêm, mais tarde, nos níveis de evolução de outras entidades com efeitos similares aos que, as entidades Luciféricas atrasadas na Antiga Lua, provocaram no ser humano terrestre.

Facilmente se poderia pensar agora que, no fundo, essas são entidades cheias de defeitos. Os débeis da evolução universal. Se não, por que foram "reprovadas"? Semelhante pensamento é possível. Mas, também, pode surgir esse outro: jamais o homem poderia ter alcançado a sua liberdade, sua capacidade de resolução própria, se as entidades Luciféricas não tivessem se atrasado na Antiga Lua. De modo que, o ser humano deve aos seres luciféricos por um lado e em mau sentido, os desejos, instintos e paixões radicados no seu corpo astral que, no seu curso da evolução o fazem descer continuamente de um certo nível atraindo-o até regiões inferiores de sua existência. Por outro lado, se não fosse pelo fato de que o homem pode cair no mal, desviar-se do bem pela força das entidades Luciféricas em seu corpo astral, não teria jamais o que denominamos liberdade de vontade, o livre arbítrio. Vale dizer: devemos nossa liberdade aos seres luciféricos. Por conseqüência, a concepção unilateral de considerá-los tão somente causadores da queda humana não corresponde à verdade. Ao contrário, deve-se ver seu atraso como algo bom sem o qual o homem não teria

obtido nunca sua dignidade humana no verdadeiro sentido da palavra.

Então, o que aos nossos olhos se apresenta como um atrasar-se das entidades Luciféricas e Ahrimânicas, se baseia em algo muito mais profundo. Algo que – se bem já aparecesse no Antigo Saturno – se manifestou ali de uma maneira tão pouco perceptível que praticamente em nenhum idioma existe palavra para caracterizar o que subjaz nesse fenômeno no período saturnal. Ao contrário, quando avançamos para a antiga existência solar podemos descrevê-lo com toda a clareza recorrendo ao conceito de resignação, de renúncia, o qual já elaboramos no início, já que sempre há uma resignação ou renúncia por parte dos seres superiores que subjaz no atrasar-se de certas entidades e seus efeitos. Nesse sentido, vemos que no Antigo Sol ocorre o seguinte: dizemos que os Tronos, os Espíritos da Vontade, oferecem seu sacrifício aos Querubins. Como vimos na conferência anterior, não somente oferecem durante a época saturnal, senão que continuam na solar. Assim também, ali, aparece a imagem dos Tronos sacrificando frente aos Querubins. Esse ato de sacrifício constitui a essência de todas as manifestações calóricas e ígneas existentes no mundo.

Se retrocedermos na Crônica do Akasha até o período solar perceberemos o seguinte: os Tronos sacrificam e persistem nessa atividade. De modo que vemos aos Tronos que ofertam e também aos Querubins, até os quais se eleva o sacrifício e que acolhem dentro de si o que emana desse como calor. Mas, há um certo número de Querubins que atuam de outra maneira, renunciam ao

sacrifício e não aceitam a oferenda. Por isso, temos que ampliar a imagem que evocamos na vez passada. Essa imagem representa os Tronos que sacrificam e os Querubins que recebem seu sacrifício. Mas, existem também aqueles Querubins que o recusam, que devolvem o que ascende até eles como sacrifício. É sumamente interessante observar esse acontecimento na Crônica do Akasha pelo fato de que, em certa forma, aflui a virtude doadora dos Espíritos da Sabedoria ao calor de sacrifício. Ascende durante o período solar a fumaça de sacrifício da qual dizemos que logo é refletido sob forma de luz pelos Arcanjos a partir da extrema periferia do Antigo Sol. Agora, percebemos ainda outra coisa, algo muito diferente, dentro do antigo espaço solar: não somente a fumaça de sacrifício é refletida pelos Arcanjos como luz, senão também o que é recusado pelos Querubins, de modo que esse parece refluir, represar-se, formando nuvens de sacrifício detidas no espaço solar. Sacrifício que ascende e sacrifício que descende. Sacrifício que é aceito e sacrifício que é resignado, que volta sobre si mesmo.

Onde se encontram essas formações espirituais de nuvens no antigo espaço solar se origina algo como uma camada divisória entre aquelas duas dimensões do Antigo Sol que, anteriormente, denominamos o exterior e o interior. Assim, temos no centro os Tronos que sacrificam, depois os Querubins nas alturas, que aceitam o sacrifício, logo aqueles que não o aceitam, mas sim o represam. Este represar gera algo como uma nuvem anelar e, finalmente no extremo exterior, temos as massas de luz refletidas.

Representem essa imagem de um modo bem vivo: vemos o antigo espaço solar, a antiga massa solar, uma espécie de esfera cósmica fora da qual não há nada, quer dizer, representemos o espaço unicamente até os Arcanjos. Em seu centro temos o anel que vai se formando pelo encontro dos sacrifícios aceitos e recusados. À partir desses sacrifícios aceitos e recusados se forma algo dentro do Antigo Sol que podemos denominar uma duplicação de toda a substância solar, uma expansão. Atualmente há somente uma figura exterior comparável com o Antigo Sol daquela época remota, é nosso Saturno atual: uma esfera circundada por um anel, onde massas de sacrifício represadas se projetam para dentro, para o centro e o que se encontra fora se ordena como uma massa anelar. Resulta assim que, no fundo, a substância solar é dividida em duas partes pela potência das forças de sacrifício.

Agora, que efeito se produz pelo fato de que certos Querubins renunciam ao sacrifício? Com essa pergunta nos aproximamos de um capítulo extremamente difícil e, tão somente meditando-o lentamente, vocês compreenderão o que encerram os conceitos que exporemos a seguir. A única maneira de descobrir as realidades em que se baseiam os conceitos dados é refletir longamente sobre eles. A resignação que mencionamos tem que ser relacionada com algo que vimos gerar-se no Antigo Saturno, quer dizer, com o nascimento do tempo. Vimos que, no fundo, o tempo nasce somente durante aquele período com os Espíritos do Tempo – os Arqueus – e carece de sentido falar de "tempo" antes do Antigo Saturno. Embora se trate de uma repetição, mesmo assim podemos

dizer: o tempo perdura. O conceito de "perdurar" já implica tempo. Portanto, as palavras "o tempo perdura" querem dizer o seguinte: ao observar os estados saturnal e solar na Crônica do Akasha encontramos no Antigo Saturno a origem do tempo e no Antigo Sol o fato de que o tempo também existiu. Agora, se todas as circunstâncias houvessem prosseguido seu curso – tal como as descrevemos anteriormente com relação ao Antigo Saturno e ao Antigo Sol – o tempo teria se convertido em um elemento imanente em todos os acontecimentos evolutivos. Nenhum evento da evolução se conceberia sem ele. Vimos que os Espíritos do Tempo nasceram no Antigo Saturno e que o tempo foi implantado em tudo. Cada uma das idéias sobre a evolução que, até agora, formamos em imagens e imaginações têm que ser relacionadas com o tempo. Se tivesse ocorrido unicamente o que nós mencionamos – o sacrifício e a virtude doadora – tudo estaria submetido ao tempo. Nada existiria que não estivesse submetido a ele. Isso é, tudo estaria submetido ao nascer e perecer que fazem parte do tempo.

Certos Querubins renunciaram ao sacrifício e, com isso, à imanente fumaça de sacrifício e assim se subtraem às suas propriedades. Uma característica imanente da fumaça de sacrifício é o tempo e, junto com ele, o nascer e o perecer. Portanto, a renúncia ao sacrifício significa que esses Querubins se tornam independentes das condições temporais. Vão além dos limites do tempo. Não se submetem a ele. Por conseqüência, de certa forma, as condições reinantes durante o período solar se dividem no sentido de que,

determinadas circunstâncias que em linha reta continuam seu processo desde Antigo Saturno, ficam submetidas ao tempo – como sacrifício e virtude doadora. Outras – que foram introduzidas pelos Querubins e sua renúncia ao sacrifício – se liberaram do tempo e incorporaram assim a eternidade, a duração, a não submissão ao nascer e perecer. Estamos diante de algo sumamente notável: no curso da evolução solar sobrevém uma separação em tempo e eternidade. Durante o período solar e graças a renúncia dos Querubins foi conquistada a eternidade como qualidade de certas circunstâncias que ocorrem no Antigo Sol.

Vimos por um lado que dentro de nossa alma se criam determinados efeitos quando o homem aprende a renunciar e a resignar-se. Por outro lado, descobrimos – limitando-nos inicialmente ao Antigo Sol – que certas entidades divino-espirituais conquistaram a imortalidade, a eternidade, porque renunciaram ao sacrifício e àquilo que podia advir das dádivas disseminadas da virtude doadora. Vimos que no Antigo Saturno nasce o tempo e que, durante a evolução solar, certas condições são retiradas de seu domínio. Agora, eu lhes peço que levem em consideração o que eu disse anteriormente; que isso já se prepara no período saturnal. Portanto, a eternidade não começa apenas no Antigo Sol, mas é na época solar que tudo isso se manifesta com clareza suficiente para poder ser expresso em conceitos. No Antigo Saturno, a separação entre eternidade e tempo é tão pouco perceptível que a falta de precisão de nossos conceitos e palavras não permite ca-

racterizar esse fenômeno como já pertencente à evolução saturnal. Dessa maneira, conhecemos agora o significado da resignação, da renúncia dos Deuses e a conquista da imortalidade durante a antiga época solar. Qual foi então a consequência posterior disso? A "*Ciência Oculta*" que, em certo sentido, teve que circunscrever-se ao âmbito do "*Maya*" ou ilusão, ensina que a evolução solar foi seguida pela lunar e que, ao final do período solar tudo o que existia submergiu em uma espécie de crepúsculo, em um caos cósmico, para em seguida reaparecer na Antiga Lua. Assim surge, novamente, o sacrifício como calor, quer dizer, o que também no Antigo Sol foi calor continua sendo no estado lunar. O que é virtude doadora renasce como gás, como ar. Igualmente continua a resignação, a renúncia do sacrifício que se acha implícita em cada um dos processos lunares. Realmente é assim; o que nós vivenciamos como resignação atua como força proveniente do Antigo Sol em tudo que existe na Antiga Lua. Mas, sabemos que como fenômeno do mundo exterior existe outra coisa. O que foi sacrifício aparece em "*Maya*" como calor, o que foi virtude doadora, aparece como gás ou ar e o que foi resignação, apresenta-se ao meio exterior como líquido, como água. A água é "*Maya*" e não haveria água no mundo sem seu fundamento espiritual de renúncia e resignação. Onde há água, há renúncia dos Deuses! Na verdade, tal como o calor é uma ilusão e por trás dele está o sacrifício. Tal como o gás, o ar, é uma ilusão e por trás dele está a virtude doadora, assim também, a água, como substância, como realidade exterior, não é senão uma ilusão sensorial, uma imagem refletida. O que existe na

verdade é que certas entidades renunciam o que outras lhes oferecem. Poderia dizer-se: pode correr água no mundo somente quando, subjacente, existe resignação. Sabemos então, que na transição do período solar para o lunar as condições aéreas se adensaram e transformaram-se em aquáticas. A água aparece somente no estado lunar, no Antigo Sol ainda não existia. As massas de nuvens aglomeradas da época solar se comprimem, se condensam, se convertem em água que aparece na Antiga Lua, formando o Mar Lunar.

Levando isso em consideração, pelo menos estaremos em condições de compreender a seguinte pergunta que pode surgir: da resignação nasce a água. Água, em realidade é resignação. Obtemos assim um conceito espiritual muito singular do que é a água. Agora, cabe perguntar: deve haver uma determinada diferença entre o estado que teria surgido sem a resignação dos Querubins e aquele que, de fato, surgiu como resultado da sua renúncia? Há algo que manifesta essa diferença? Efetivamente isso existe. Manifesta-se por meio das conseqüências da resignação que aparecem, com toda a clareza, durante o período lunar. Se não tivesse ocorrido a resignação, se os respectivos Querubins em vez de renunciar tivessem aceito o sacrifício, então – falando imaginativamente – a fumaça de sacrifício estaria incorporada em sua própria substância. Suas ações teriam se colocado manifestamente naquela fumaça de sacrifício. Suponhamos, que esses Querubins tivessem realizado isso ou aquilo. Vistos de fora, tais atos teriam se exteriorizado nas transformações das nuvens, do ar. Ou seja, na for-

ma exterior do ar teria se expressado o que os Querubins que não se resignaram fizeram com a substância do sacrifício. Mas, a realidade é que recusaram-na e por isso, passaram da mortalidade à imortalidade, da temporalidade à duração. Inicialmente, a substância de sacrifício se encontra, de alguma forma, liberada das forças que, do contrário, a teriam incorporado. Está sem ter que obedecer aos impulso dos Querubins, visto que eles a separaram, a recusaram. Que acontece então com essa substância de sacrifício? Ocorre que outros seres se apoderam dela. Seres que se tornam independentes dos Querubins pelo fato de que tal substância de sacrifício não se encontra dentro daqueles. Esses seres se convertem em entidades independentes ao lado dos Querubins. Ao contrário, se esses últimos tivessem acolhido a substância dentro de si mesmos as outras entidades estariam sob sua direção.

Assim, surge a possibilidade de que aconteça o contrário de resignação, quer dizer, que certas entidades atraiam até elas a substância derramada de sacrifício e atuem dentro dela. Essas são entidades que ficam atrasadas. De maneira que o atraso é uma consequência da resignação dos Querubins. Por meio do objeto de sua renúncia, esses últimos oferecem aos outros seres a possibilidade de atrasarem-se. Pelo fato de que um sacrifício é recusado, outras entidades que não renunciam, que manifestamente se entregam a seus desejos e apetites, obtêm a oportunidade de apoderarem-se do objeto, da substância de sacrifício e de colocarem-se assim, como seres independentes ao lado dos demais.

Assim, com a transição do período solar para o lunar e com a conquista da imortalidade por parte dos Querubins, cria-se condições para que outros seres se separem – com substancialidade própria – da evolução posterior dos Querubins e das entidades imortais em geral. Conhecendo portanto, a causa mais profunda do atraso nos damos conta de que, no fundo, a culpa original – se é que queremos falar de uma tal culpa – não recai em absoluto sobre os atrasados. Isso é importante que cheguemos a compreender. Se os Querubins tivessem aceitado o sacrifício os seres luciféricos não poderiam ter se atrasado por carecerem de oportunidade de incorporarem-se nessa substância. A renúncia prévia tornou possível que certas entidades se tornassem independentes. Quer dizer, a sábia condução universal havia disposto que os próprios Deuses originariam a aparição de seus "adversários". Sem a renúncia de certos Deuses, outras entidades não poderiam ter oferecido resistência. Expressando-nos de forma trivial diríamos que os Deuses previram algo parecido com o seguinte: se continuarmos criando seres como quando passamos do Antigo Saturno para o Antigo Sol, não haverá jamais seres que possam atuar à partir de seu livre arbítrio. Para que seja possível que nasçam semelhantes seres, devem surgir "adversários" nossos no universo, devemos encontrar obstáculos dentro do que está submetido ao tempo. Se somos apenas nós os que dispomos tudo, não pode haver oposição. Nos seria muito fácil aceitar a totalidade de sacrifício e subordinarmos assim a evolução inteira. Assim, não aceitamos o sacrifi-

cio para que aquelas entidades, apoderando-se dele, convertam-se em nossos "adversários" por meio da nossa renúncia.

Vemos assim, que não encontraremos a causa do mal entre as chamadas entidades más, e sim entre os chamados seres bons, cuja resignação, fez com que surgisse o mal por meio de entidades capazes de trazê-lo ao mundo. Alguém poderia fazer agora a seguinte objeção – e peço a vocês que meditem seriamente esse pensamento: "Até esse momento eu tinha uma opinião mais elevada dos Deuses! Até esse momento pensei que, igualmente, poderiam ter criado as condições para a futura liberdade do ser humano sem a possibilidade do mal. Como pode ser que esses bons Deuses não tenham sido capaz de criar algo assim como a liberdade humana, sem o mal?" Nesse contexto, gostaria de recordar aquele rei espanhol que considerava que o mundo era terrivelmente complicado e, por isso, disse uma vez que se Deus o tivesse encarregado da criação do mundo, ele o teria feito algo muito mais simples! Em sua debilidade o ser humano pensará que o mundo poderia ser menos complicado. Mas, os Deuses o sabem melhor e, por isso, não deixaram que o homem o criasse.

A ciência cognitiva nos permite descrever essas relações ainda mais exatamente. Suponhamos que algo deva ser escorado e alguém diz que isso se consegue levantando uma coluna e apoiando uma coisa sobre ela. Um outro poderia objetar: também deveria haver outra forma de fazê-lo! Por que não? Ou melhor, em uma obra de construção se necessita de um esquadro. Alguém poderia dizer: por que esse esquadro tem que ser triangular, ter apenas

três ângulos? Talvez, algum Deus poderia criar um esquadro que não fosse triangular! Mas, a idéia de um esquadro que não tenha três ângulos tem tanto sentido como aquela outra de que os Deuses deveriam ter criado a liberdade sem a possibilidade do mal e da dor. Tal como os três ângulos pertencem ao triângulo, assim também a liberdade pertence a possibilidade do mal, por meio da resignação de algumas entidades espirituais. Tudo isso forma parte da resignação dos Deuses que, com base nela, criaram a evolução desde o mortal depois de terem se elevado à imortalidade, justamente, mediante a renúncia ao sacrifício para assim conduzir o mal novamente para o bem. Os Deuses, não evitaram o mal que era o único que podia possibilitar a liberdade. Se os Deuses tivessem evitado o mal, o mundo seria pobre e não multiforme. Pela liberdade, os Deuses tiveram que fazer aparecer o mal no mundo. Por isso, tiveram que conquistar para eles mesmos o poder de conduzir o mal outra vez para o bem. Esse poder pode nascer unicamente como efeito da renúncia, da resignação.

Poderíamos dizer que as religiões têm sempre a finalidade de demonstrar em imagens, em imaginações, os grandes mistérios universais. Hoje falamos de antiquíssimas fases da evolução e, ao acrescentarmos a resignação aos conceitos de sacrifício e virtude doadora, penetramos um pouco mais no verdadeiro, em oposição à "*Maya*" ou ilusão. Imagens e conceitos semelhantes foram dados aos seres humanos também nas religiões. Dentro da religião bíblica há algo apropriado para ajudar o homem a incorporar o conceito de sacrifício e resignação, de não aceitação do sacrifício. É o re-

lato de Abraão que deveria sacrificar seu próprio filho no altar de Deus e da renúncia desse Deus ao sacrifício do patriarca. Deixando que esse conceito de renúncia penetre em nossa alma, nos tornamos receptivos para pensamentos como o seguinte, que já expressei em outras ocasiões: suponhamos que o sacrifício de Abraão tivesse sido aceito e Isaac tivesse sido sacrificado. Visto que dele descende todo o antigo povo hebreu, Deus, no caso de ter recebido o sacrifício, teria retirado da terra a totalidade do povo hebreu. Mediante sua renúncia, Deus entregou a uma esfera que está fora Dele mesmo, tudo que descende de Abraão, subtraindo-o assim a seu próprio âmbito de ação. Se tivesse aceito o sacrifício, teria acolhido dentro de si toda a esfera que correspondia ao povo hebreu, por que assim Isaac teria estado com Deus. Com sua renúncia, ao contrário, cedeu essa linha evolutiva à Terra. Todos os conceitos de resignação, de sacrifício, se tornam mais claros ante a imagem significativa do ato de sacrifício do velho patriarca.

Mas também, em outro instante de nossa esfera terrestre, nos encontramos com essa resignação de entidades superiores. Como já dissemos na vez passada indicando, a esse respeito, o quadro de Leonardo da Vinci "*A última Ceia*", porque representa a cena que nos coloca ante o sentido da Terra, o Cristo. Com o sentido de penetrar todo o significado do quadro, recordemos as palavras do Evangelho que diz assim: "*Por acaso eu não poderia convocar todo um exército de Anjos, se quisesse escapar à morte de sacrifício?*". O que Cristo poderia ter aceito nesse momento, o que naturalmente teria sido uma possibilidade muito fácil para Ele, é recu-

sado com resignação e renúncia. A maior renúncia do Cristo é quando Ele admite dentro de seu círculo o próprio adversário, Judas. Assim, podemos perceber no Cristo Jesus uma imagem daquelas entidades que acabamos de conhecer em um nível determinado de sua evolução, aquelas entidades que renunciaram ao sacrifício e cuja a natureza é resignação. O Cristo renunciou ao que teria ocorrido se não tivesse admitido Judas com o seu antagonista, tal como durante a época solar, os próprios Deuses deram origem a seus "adversários" por meio da resignação. Dessa maneira, o quadro na Terra nos mostra a repetição desse processo: O Cristo no meio dos Doze, com Judas que está aí como o traidor, da mesma forma que os "adversários" das potências cósmicas. Para que possa ocorrer na evolução o que é tão imensamente caro à humanidade, o próprio Cristo deve enfrentar o seu "adversário". Visto que *"A última Ceia"* evoca um momento cósmico tão grandioso quando recordamos as palavras: *"O que molha o pão comigo, este me trairá"*. Visto que nos mostra a imagem terrestre do próprio "antagonista" dos Deuses frente a eles, por isso, esse quadro causa uma impressão tão poderosa. Assim, digo freqüentemente o que veria um habitante de Marte ao descer à Terra – talvez seria mais ou menos interessante para ele, mesmo que não compreendesse de todo. Mas aquele quadro de Leonardo da Vinci lhe ensinaria algo que lhe permitiria conhecer o sentido da Terra à partir de um momento cósmico – relacionado tanto com Marte como com a Terra – que tem a ver com todo o Sistema Solar. O que representa

o quadro terrestre tem significado para todo o Cosmos: certas potências, enfrentando-se com as potências divinas e imortais.

Como no meio de seus apóstolos aparece o Cristo que na Terra vence a morte e demonstra assim o triunfo da imortalidade, necessariamente temos que evocar aquele momento universalmente significativo no qual certos Deuses se separam do ser temporal e conquistam a vitória sobre o tempo, quer dizer, se tornaram imortais. É isso o que pode sentir nosso coração ante "*A Última Ceia*" de Leonardo da Vinci.

Não digam vocês agora que quem observa ingenuamente "*A Última Ceia*" desconhece tudo o que nós falamos hoje. Não há necessidade de sabê-lo, já que o misteriosamente profundo da alma humana é precisamente que não é necessário saber com o intelecto o que sente a alma. Por acaso a flor conhece as leis segundo as quais ela cresce? Certamente que não, no entanto cresce. Por acaso a flor necessita leis e a alma humana um intelecto para sentir a presença do incomensuravelmente grande quando está ante um Deus e seu "adversário", quando surge diante de nós o mais sublime que pode ser expresso, o antagonismo entre o imortal e o mortal? Quando o ser humano está diante desse quadro – que é para ele um espelho que lhe reflete o sentido do mundo – não há necessidade do saber. Isso lhe penetra na alma com força mágica. Para pintá-lo, o artista, nesse sentido, tampouco necessitou ser ocultista. Mas, na alma de Leonardo da Vinci viviam forças capazes de expressar justamente o mais sublime e significativo. As grandes obras de arte têm um efeito tão impressionante, por estarem

profundamente relacionadas com o sentido de ordem universal com o qual, em tempos anteriores, mesmo sem o saber, os artistas estavam vinculados mediante uma consciência opaca. Mas a arte se extinguiria, ficaria sem continuação, se no futuro a ciência espiritual, como conhecimento dessas coisas, não lhe desse um novo fundamento.

A arte subconsciente tem seu passado e junto com esse passado ela também chegou a seu fim. A arte que se faz inspirar pela ciência espiritual está no começo de sua evolução. É a arte do futuro. Tal como é certo que o artista antigo não necessitava conhecer o subjacente às obras de arte, assim também, é verdade que o artista do futuro tem que o saber. Mas agora, com base nas forças que representam novamente um aspecto do infinito e do conteúdo real da alma. Sem dúvida, não tem conhecimento espiritual quem o converta outra vez em ciência racional, expressando-a mediante esquemas e paradigmas, mas sim o tem, o que, junto com cada conceito desenvolvido – sacrifício, virtude doadora, resignação –, junto com cada palavra, sintá algo que faça explodir a palavra, a palavra idéia. Que, em suma, possa afluir as múltiplas possibilidades de expressão da pintura.

Certamente, poderão ser estabelecidos esquemas, se é que alguém acredite que a evolução do mundo transcorre em conceitos abstratos. Os esquemas começam a falar apenas quando introduzimos conceitos viventes como sacrifício, virtude doadora e resignação. Se queremos nos representar os conceitos de sacrifício, virtude doadora e resignação, necessariamente temos que chegar

a imagens semelhantes às que descrevemos nas últimas vezes: os Tronos que elevam seu sacrifício até os Querubins, a fumaça de sacrifício que se expande, os Arcanjos que refletem a luz, e assim sucessivamente. Na próxima conferência, quando passarmos à existencial lunar, veremos como a imagem irá se enriquecendo, como efetivamente, terá que aparecer algo mais, algo como o adensamento das massa de nuvens represadas que se convertem em água, que escorrem como massas chuvosas e os relâmpagos ziguezagueantes dos Serafins que se somam a elas. Recorreremos a representações mais ricas frente as quais deverá se dizer: o futuro da humanidade encontrará possibilidade de proporcionar também o material e os meios artísticos para expressar para o mundo exterior o que, de outro modo, somente pode ser lido na Crônica do Akasha.